



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MARIA LIDIANA DE LIMA VELOSO

**ENSINO DE BIOLOGIA PARA UMA ALUNA SURDA NA UNIDADE ESCOLAR
COELHO RODRIGUES, EM PICOS – PI**

PICOS – PI

2017

MARIA LIDIANA DE LIMA VELOSO

**ENSINO DE BIOLOGIA PARA UMA ALUNA SURDA NA UNIDADE ESCOLAR
COELHO RODRIGUES, EM PICOS – PI**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências biológicas da Universidade Federal do Piauí – *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para a aprovação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

PICOS – PI

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

V443e Veloso, Maria Lidiana de Lima
Ensino de Biologia para uma aluna surda na Unidade
Escolar Coelho Rodrigues, em Picos – PI / Maria Lidiana de
Lima Veloso.– 201.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (38 f.)
Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura
Plena em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do
Piauí, Picos, 2017.
Orientador(A): Prof. Me. Juscelino Francisco do
Nascimento.

1. Ensino de Biologia. 2. Inclusão. 3. Surdos. I. Título.

CDD 371.9

MARIA LIDIANA DE LIMA VELOSO

**ENSINO DE BIOLOGIA PARA UMA ALUNA SURDA NA UNIDADE ESCOLAR
COELHO RODRIGUES, EM PICOS – PI**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências biológicas da Universidade Federal do Piauí – *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para a aprovação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Aprovado em 05 de dezembro de 2017


BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento (Presidente)
Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof. Me. Vinícius, da Silva Carvalho (Primeiro Avaliador)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



Prof. Esp. Delmir Rildo Alves (Segundo Avaliador)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

A todos aqueles que sempre acreditaram em mim, em especial a toda a minha família, pois eles são sem sombra de dúvidas a minha vida.

O primeiro e principal objetivo da educação é formar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não fazer coisas que outras pessoas já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. O segundo objetivo da educação é formar mentes que sejam capazes de opinar, verificar, e não aceitar tudo que a elas se apresenta.

Jean Piaget

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um modo de gratidão, é também um modo de dizer obrigado a Deus por todas as dádivas que Ele nos dá. E hoje quero agradecer primeiramente a Deus por tudo que ele tem feito por mim, por ter me dado a oportunidade, força e paciência para seguir com esse trabalho e hoje poder estar aqui agradecendo.

Agradecer a todos que me acompanharam nessa longa caminhada e sempre estiveram me apoiando durante todo esse tempo. Em especial aos meus pais, Maria Edilsa e Joaquim Veloso, por me apoiarem e incentivarem todos os dias a nunca desistir e sempre ir em busca dos meus objetivos.

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador, Prof. Juscelino Francisco do Nascimento, por todo apoio, dedicação, paciência e esforço nesse trabalho.

Agradeço as minhas irmãs, Maria Cleidiane e Maria Aparecida, por entenderem o período de estresse e estarem sempre dispostas a me ajudar no tempo que precisei.

Aos meus primos que sempre estiveram me apoiando de longe e também de perto, em especial as minhas primas Rita de Cássia e Maria Natália, sempre dispostas a me ajudar, direta ou indiretamente.

Aos meus amigos João Paulo Bernardes e Elissandra Dias, por sempre me auxiliarem durante o período da pesquisa, me ajudando sempre com uma coisa ou outra e também pela paciência que tiveram comigo.

A Miguel Veloso, Jefferson Veloso e Marcivaldo Veloso, que se fizeram presentes em todos os momentos, sempre com uma palavra amiga e também com puxões de orelha, mas sempre ali para o que eu precisasse. Agradeço imensamente por tudo que fizeram! Mesmo sem saber, vocês fizeram e fazem um grande papel na minha vida.

Agradeço também aos meus tios que estiveram do meu lado em todo esse momento, me apoiando.

Não poderia esquecer de forma alguma aqueles que não acreditaram em mim e torceram para que eu fraquejasse. Vocês não têm ideia de quão forte vocês me tornaram e hoje venho agradecer pelo que fizeram, muito obrigada por ajudarem a me tornar o que sou hoje.

Enfim, agradeço a todos que entenderam quando eu não pude sair, pois estava focada nesse trabalho e não podia perder tempo, pois nesse momento o tempo era uma ferramenta crucial.

RESUMO

A inclusão de surdos é um dos grandes desafios que a educação enfrenta hoje e quando ocorre o ingresso dessas pessoas nas escolas, elas ainda se deparam com muitos obstáculos pela frente, como é o caso do ensino de ciências e biologia, que é de grande importância na formação dos alunos, assim como o ensino das demais disciplinas. Em vista disso, essa pesquisa teve como objetivo geral identificar as dificuldades que uma aluna surda possui em relação à complexidade das aulas de biologia em uma escola pública de Picos – PI. Como objetivos específicos, buscamos a) analisar os métodos que a intérprete usa para que sejam minimizadas as barreiras de acordo com as complexidades das aulas de biologia; b) observar se esses métodos melhoram o aprendizado da aluna e c) analisar o grau de conhecimento da aluna em relação à Libras. Para tanto, por meio de uma pesquisa de campo, obtivemos os dados a partir de entrevistas e observações em sala de aula. Com este trabalho, apontamos as dificuldades que são encontradas durante as aulas de biologia e quais os métodos que são usados para que a aluna consiga aprender e ter um desempenho satisfatório.

Palavras-chave: Ensino de biologia. Inclusão. Surdos.

ABSTRACT

The inclusion of the deaf is one of the great challenges that education faces today and when these people are admitted to school, they still face many obstacles, such as science and biology education, which is of great importance in the training of the students, as well as the teaching of the other disciplines. As a result, this research had as general objective to identify the difficulties that a deaf student possesses in relation to the complexity of biology classes in a public school in Picos - PI. As specific objectives, we seek to a) analyze the methods that the interpreter uses so that the barriers are minimized according to the complexities of the biology classes; b) to observe if these methods improve the learning of the student and c) to analyze the degree of knowledge of the student in relation to the Pounds. To do so, through field research, we obtained the data from interviews and observations in the classroom. From this research, we point out the difficulties that are encountered during biology classes and what methods are used so that the student can learn and perform satisfactorily.

Keywords: Biology teaching. Inclusion. Deaf people.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONCEITO E TIPOS DE SURDEZ	13
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA SURDEZ	14
2.2 INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS.....	18
2.3 MÉTODOS DE ENSINO PARA SURDOS	23
2.4 ENSINO DE BIOLOGIA PARA ALUNOS SURDOS	25
3 METODOLOGIA.....	28
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXOS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que não é de hoje que são encontrados obstáculos na inclusão de pessoas com dificuldades de aprendizagem em escolas públicas no Brasil. Falando especificamente de pessoas com dificuldade auditiva, antigamente era difícil o acesso a essas escolas e por esse motivo muitas pessoas deixavam de estudar ou, quando estes conseguiam ingressar em uma escola, muitas vezes eram isolados por terem tais dificuldades, provocando, assim, um desempenho bastante negativo.

Segundo Quadros (2003), pessoas com dificuldade auditiva, cegos, entre outros deficientes, necessitam ter acesso à escola. Isso se entende por fixar a educação especial dentro de uma perspectiva bastante englobada. Dessa forma, a educação especial poderia começar a ser discutida dentro da educação, abrangendo todas as demandas apropriadas, ou seja, princípios para o desenvolvimento do cidadão brasileiro, direitos e deveres.

Mantoan (2003) diz que a escola brasileira é apontada pela falta de sucesso de uma parte considerável dos seus estudantes, que são isolados pelo seu fracasso, por dificuldades constantes e pela baixa autoestima, conseqüente do afastamento escolar e social.

São grandes os obstáculos que os surdos enfrentam para conseguir estudar, desde a inclusão até a aprendizagem dos conteúdos. Com base nisto e no meu interesse na Libras, foi que decidi fazer esta pesquisa. Esse trabalho foi iniciado com o intuito de conhecer os desafios que são enfrentados no dia a dia do ensino de Biologia para surdos e como eles estão incluídos nas escolas, pois, como a maioria sabe, existe uma grande dificuldade durante as aulas, principalmente quando se refere ao ensino de Biologia, pois são poucos as sinalizações científicas.

Assim, trago as seguintes hipóteses para este trabalho: a primeira está relacionada ao ensino igualitário de biologia, que deveria ser igual tanto para surdos como para ouvintes, mas percebem-se desigualdades social de oportunidades, como é o caso da inclusão dos surdos nas escolas; a segunda com relação a falta de um intérprete capacitado nas escolas em que se encontram alunos surdos, pois a falta dele pode ser um grande problema, já que o aluno pode ser prejudicado nas atividades escolares.

Com base nisso, tem-se como objetivo geral: identificar as dificuldades que uma aluna surdatem em relação à complexidade das aulas de biologia. Como objetivos específicos, proponho: a) analisar as técnicas que a intérprete usa para que sejam minimizadas as barreiras comunicativas de acordo com as complexidades das aulas de biologia; b) observar se esses

métodos melhoram o aprendizado da aluna e c) verificar o grau de conhecimento da aluna em relação à Libras.

A problemática desta pesquisa está relacionada as estratégias de ensino, que deve ser igualitário, posto que todos devam ter acesso ao ensino público, no entanto alguns alunos possuem dificuldades por conta de uma deficiência. Assim, vamos trabalhar com uma aluna surda de uma escola pública de Picos, a qual enfrente, como um obstáculo, a dificuldade de acesso à escola, porque nem sempre há intérprete e, quando há, este não é qualificado para este tipo de trabalho. Sendo assim, surge o seguinte questionamento: o que podemos fazer para melhorar a qualidade de ensino de uma aluna surda neste contexto?

Com as grandes dificuldades enfrentadas no ensino em geral para alunos surdos, verifica-se a necessidade de instruir a sociedade de forma clara e objetiva para que estes possam ter noções de como ir atrás dos seus direitos, para que as leis sejam cumpridas e que haja uma educação igualitária para todos, pois da mesma forma que temos deveres para com a sociedade, também temos direitos.

Deste modo, este trabalho foi desenvolvido em cinco capítulos. No primeiro, introdução, falo sobre os obstáculos enfrentados na inclusão de pessoas com necessidades especiais em escolas públicas, os objetivos, hipóteses, problemática e a justificativa. No segundo, falo dos conceitos e tipos de surdez, do contexto histórico da surdez, inclusão de alunos surdos nas escolas públicas, métodos de ensino para surdos, ensino de biologia para alunos surdos. No terceiro, falo da metodologia do trabalho. No quarto, são apresentados os resultados da análise dos resultados encontrados na pesquisa. Por fim, apresento as considerações finais, evidenciando as conclusões da pesquisa.

Como contribuição para a área, este estudo destaca a necessidade de colocar em prática outros recursos para o ensino de biologia para surdos e, assim, fazer com que as dificuldades sejam diminuídas, pois, mesmo com poucos sinais na área da biologia, existem outras formas de facilitar a aprendizagem do aluno surdo.

2 CONCEITOS E TIPOS DE SURDEZ

Para Nascimento e Mascarenhas(2009),a surdez é praticamente a perda total ou diminuição do sentido da audição. É considerada surdaa pessoa cujo comprometimento auditivo é severo, ou seja, o indivíduo passa a utilizar aparelhos e fazer tratamentos para que possa escutar ou não escuta de forma alguma.

É bastante ouvido o termo surdo-mudo, quando se fala em pessoas surdas, no entanto essa expressão é muito antiga e errônea, pois nem todo surdo é mudo, posto que a mudez está relacionadaà emissão da voz.

De acordo com o período de aquisição, a surdez pode ser classificada de dois tipos: congênita, quando a pessoa já nasce surda; e adquirida, quando a pessoa, no decorrer do tempo, passar a perder a audição.(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006).

Os termos surdo e deficiente auditivo não são iguais e não podem ser usados como sinônimos um do outro.A deficiência auditiva é uma perda da audição que é adquirida a partir de algum fator externo, ou seja, o indivíduo nasce com a audição sem nenhum problema e ao adquirir alguma doença ou lesões, perde a audição.

Quando se fala em surdez, refere-se à pessoa que já nasce surda. Essa surdez pode ser unilateral ou bilateral. No primeiro caso, a surdez só afeta um dos ouvidos, ao passo que a bilateral acontece em ambos os ouvidos, de modo que a pessoa não tem a capacidade de ouvir nenhum som, aumentando, assim, a dificuldade na comunicação.

Segundo o Ministério da Educação (2006), pode-se identificar a surdez quanto ao grau de comprometimento.Esta pode ser classificada em níveis, que variam de acordo com a sensibilidade auditiva da pessoa. Existe a audição normal,a surdez leve, surdez moderada, surdez acentuada, surdez severa e a surdez profunda.

A surdez leve é muito próxima da audição normal e não possui muitos prejuízos. Muitas vezes, é descoberta tardiamente; na surdez moderada, a criança tem dificuldades para entender a fala em locais com muitos ruídos; na surdez severa, é necessário fazer uso de um aparelho de amplificação, pois não é possível ouvir sem sua ajuda; na surdez profunda, a criança só responderá ao som alto e necessitará de um aparelho de amplificação e de um acompanhamento especializado. Nesse caso, dificilmente essa criança desenvolverá a língua oral. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006).

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA SURDEZ

Ao longo da história, observa-se que são desrespeitados os direitos na educação de surdos. A ocorrência desse processo desencadeia na formação do indivíduo barreiras que prejudicam o surdo de se desenvolver em sociedade.

Os surdos, durante alguns períodos da história, foram colocados à margem da sociedade, sendo considerados como deficientes incapazes e desapropriados de seus direitos e da capacidade de fazer suas escolhas (MESERLIAN E VITALINO, 2009). Essas pessoas surdas não tinham direito ao voto e muitos menos a ter uma educação, pois por não conseguirem ouvir eram consideradas inabilitadas de entender o que se passava ao seu redor e logo não tinham a capacidade de estudar e nem de expressar sua opinião.

Lima (2012) afirma que, apenas a partir do final da idade média é que informações com base na educação de pessoas surdas foram mais acessíveis. Foi neste período que começaram a aparecer os primeiros trabalhos na essência da educação para crianças surdas e de integrá-las no meio social.

Nas palavras de Nascimento e Mascarenhas (2009), desde o início da história, a falta de audição foi alvo de incompreensão, vista apenas de um modo negativo. Os surdos eram vistos desde doentes mentais a como pessoas castigadas pelos deuses. Até o século XV viviam desprezados, não tinham um contato próximo com a sociedade, pois eram considerados ineducáveis, ao passo que não tinham direitos, especialmente à educação.

Ainda segundo Nascimento e Mascarenhas (2009), Pedro Ponce de Lion (1520-1584) foi o primeiro professor de pessoas surdas, e foi com ele que os surdos tiveram a oportunidade de ler e escrever. Além de ensinar os surdos, ele deixou uma escola de professores aptos para ensinar surdos.

De acordo com Nascimento e Mascarenhas, em 1760, o abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789), a partir de seus conhecimentos, adaptou o método gestual que era a fusão da língua de sinais com a gramática sinalizada.

Conforme Silva (2009), L'Épée era um religioso francês que possuía interesse em aprender a língua de sinais do seu país. Em 1760, por motivos religiosos, ele se aproximou das pessoas surdas para aprender a língua deles. L'Épée conseguiu aprender os sinais e começou a ensinar os indivíduos na França, a nível escolar.

De acordo com Silva (2015), foi Charles Michel de L'Épée o primeiro a reconhecer a língua de sinais. L'Épée desenvolvia-se e auxiliava, servindo de base comunicativa elementar entre as pessoas com surdez. Foi ele que criou a primeira instituição para pessoas surdas em Paris, o Instituto Nacional para Surdos-Mudos, em 1760.

Segundo Silva (2015), não se conhece qual método foi aplicado por Ponce de Leon. O pequeno registro que restou da sua metodologia aponta que o ensinamento se dava a partir da escrita e de nome dos objetos, logo após a fala começando pelos fonemas. Ponce de Leon não se destacou por desenvolver estudos com a língua de sinais, mas por produzir um alfabeto que proporcionava o indivíduo a soletrar as palavras.

Ainda nas palavras de Silva (2015), a atenção para a educação dos surdos tinha interesse próprio, pois os primogênitos surdos de uma família que possui muitos bens materiais não tinham direito à herança e, desse modo, colocava a fortuna da família em risco. Por esse motivo, os pais procuravam outra estratégia para educar as crianças e garantir a riqueza da família.

De acordo com Vitalino e Meserlian (2009), os sinais inventados por L'Épée e uma junção de sinais dos surdos formou o sistema de sinais metódicos, proporcionando o aprendizado da leitura e da escrita dos indivíduos com surdez.

Para Corrêa (2013), o sistema de sinais metódicos do abade proporcionava aos alunos surdos o conhecimento e a aprendizagem da leitura e escrita, que naquele momento eram as metas da educação.

Conforme Silva (2015), os trabalhos realizados nesse período da história do ensino para surdos tinham como objetivo conceitos relacionados com a moderação da surdez. Para o mesmo autor, com o passar do tempo foram utilizadas várias metodologias para a educação de crianças, jovens e adultos surdos. Diante de todas as metodologias, destaca-se o método de Johan Conrad Amman (1669-1724), médico e educador. Ele usava o tato e os espelhos para melhorar os processos de leitura labial e também observação das variações da laringe. Esse método, atualmente, ainda é utilizado nas terapias fonoaudiológicas. Johan defendia que o uso da língua de sinais atrofiava a mente, impedindo o desenvolvimento da fala por parte do pensamento.

Para Marinho (2007), no início da década de 60, para evitar o desempenho escolar fracassado dos surdos, em alguns estados brasileiros houve a iniciativa das Secretarias de Estado de Educação em organizar salas específicas para surdos, as chamadas salas de recursos, destinadas a suprimir as necessidades desses alunos em horário contrário ao das aulas regulares.

Segundo Marinho (2007), em 1856, chega ao Brasil o conde Ernest Huet, a convite de D. Pedro II, com a ideia de fundar uma instituição para surdos. Ernest ensinou o alfabeto francês e alguns sinais aos surdos brasileiros. No seguinte ano, em 1857, D. Pedro II fundou o

Imperial Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

O histórico da educação para pessoas surdas pode ser dividido em três grandes filosofias, oral, comunicação total e bilíngue. O método oral se destaca pela não utilização da língua de sinais, onde os surdos eram sujeitos a estudarem como ouvintes e acabam se atrasando, pois passavam um bom período de tempo aprendendo a falar. Na comunicação total, a comunicação se dava entre surdos e surdos e surdos e ouvintes, e utilizava todas as formas de comunicação disponíveis para a educação do surdo, já o bilinguismo ensina as duas línguas, a língua portuguesa e a língua de sinais.

Foi Edward Gallaudet, em 1864, que criou, em Washington, a primeira faculdade para pessoas com surdez. Após vários anos de pesquisas e trabalhos com surdos, Edward viajou o mundo para descobrir se sua metodologia estava apropriada. Ele regressou da sua viagem adotando o oralismo, segundo Silva (2015).

Em 1911, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) começou a seguir a tendência mundial, usando o oralismo puro em suas salas de aula. No entanto, foram utilizados os sinais até 1957, época que o uso de sinais foi reprimido oficialmente. (SILVA, 2015).

De acordo com Corrêa (2013), em 1970, logo depois da visita de uma professora vinda do Brasil à Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos, surge, aqui, o método de Comunicação Total, esse método utiliza todas as técnicas de ensino disponíveis para os surdos, o qual já era adotado na Universidade Gallaudet. Nos anos seguintes, iniciaram-se as discussões em relação ao bilinguismo no Brasil.

Segundo Corrêa (2013), o Congresso de Milão marcou um período negativo na história dos surdos. Foi decidido no congresso cujo a maioria dos participantes era ouvinte, que o oralismo se tornaria o método principal na educação de surdos. Por muitos anos, esta decisão vigorou desde o final do século XIX até grande parte do século XX.

De acordo com Cavalcanti (2017), foi a partir da decisão do método oral no Congresso de Milão que a educação sofreu um grande impacto, pois os surdos foram obrigados a aprender as práticas de ensino dos ouvintes. Foi declarado que os surdos teriam apenas o oralismo como método de aprendizagem.

Para Gonçalves e Festa (2013), o oralismo não trouxe muitos resultados positivos para os surdos, pois nem todos eles conseguiram se sair bem com a leitura labial e muitos reproduziam sons incompreensíveis aos surdos.

Conforme Cavalcanti (2017), com a implantação do oralismo como método educacional, foram desconsideradas cultura e identidade surdas. Dessa maneira, as propostas

adotadas pelo método oral orientavam que os alunos surdos deveriam possuir uma identidade comum com os ouvintes.

Ainda segundo Cavalcanti (2017), no início do século XX já era ouvido falar dos fracassos do método oral, levando consigo outras conotações para as pessoas com surdez, ou seja, quando não avançavam na oralidade, eram apontados como deficientes. O mesmo autor afirma que apenas a partir da década de 60 passou a ser reconhecida a linguagem de sinais. Isso se deu principalmente após dos trabalhos de William Stoke, linguista americano, que apontou a língua de sinais como língua legítima, com estrutura própria.

Nas palavras de Reis (2013), em 1960 a Comunicação Total foi apontada como essencial para o ensino tanto da linguagem oral como a língua de sinais, substituindo, assim o oralismo. Esse método incentivava a utilização de recursos audiovisuais para facilitar a comunicação dos surdos.

De acordo com Reis (2013), a Comunicação Total ainda é usada com maior relevância para os iniciantes da língua de sinais. No entanto, a comunicação total foi logo descartada quando se observou o não aprofundamento da comunicação, pelo fato do variado número de interpretação e a limitação do vocabulário.

Na década de oitenta, iniciaram-se reuniões para discutir sobre a educação bilíngue para surdos, dando início a uma revolução linguística, em que linguistas, professores e estudantes de Letras trouxeram novas ideias para essa educação. A Comunidade Surda junto a eles passou a impor mudanças e a oficialização da Libras. (PRINCE, 2011).

Conforme Gonçalves e Festa (2013), a educação bilíngue, modelo de ensino utilizado atualmente nas escolas, pretende que o estudante surdo possa apresentar um desenvolvimento cognitivo-linguístico semelhante ao estudante ouvinte.

Marinho (2007) propõe que, com a política, fundamentada na Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e na Declaração de Salamanca, em 1994, as Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica (2001), instituídas pela resolução nº 02/2001 do Conselho Nacional de Educação, incluíram os alunos surdos no grupo daqueles com dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, dispondo que deve ser assegurada “o acesso aos conteúdos curriculares através do uso da linguagem e códigos aplicáveis, como o sistema braile e a língua de sinais, sem perda do conhecimento a língua portuguesa [...]”. Art. 12, § 2º da resolução nº 02/2001 do conselho nacional de educação, que institui as diretrizes nacionais para a educação especial e educação básica.

De acordo com Lima (2013), o oralismo ou linguagem oral é a maneira pela qual se ensina ao surdo a assimilação e construção da linguagem oral e que parte do início de que a

pessoa surda, mesmo não adquirindo o grau de audição para perceber os sons da fala, pode se conceber por um interlocutor por meio do método oral.

Lima (2013) afirma, ainda, que indivíduos surdos foram julgados como pessoas que não deveriam ser educadas, completamente excluídos, não contribuindo, por exemplo, nos procedimentos políticos de tomada de decisões, o que fez com que os ouvintes decidissem, durante muito tempo, por suas vidas.

Foi com a regulamentação da Lei Federal n.º 10.436/2002 (BRASIL, 2002) que se pode perceber algumas mudanças, pois ela reconhece a Libras como uma forma de comunicação e expressão para a comunidade surda.

De acordo com o que foi exposto aqui, nota-se que a luta pelos direitos dos surdos vem marcando e fazendo a história na busca contínua e incessante pelo respeito e a devida equidade social.

2.2 INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Inclusão escolar é o acolhimento de pessoas com necessidades especiais e também todo indivíduo que não se inclui por algum motivo socioeconômico, especial ou étnico racial, que precisam de uma educação adequada de acordo com as suas características e também igualitária para com os demais.

Para que realmente seja realizada a inclusão, é preciso que o projeto não seja exercido apenas dentro da sala de aula, mas sim em toda a escola. É necessário um comprometimento de todo o grupo escolar, para que entendam o aluno e suas necessidades. (BRITO, 2013)

A inclusão de alunos com necessidades especiais ainda é um grande problema a ser resolvido, pois são poucas as escolas que aceitam esse estudante, como por exemplos pessoas com surdez que necessitam de um intérprete para que possam acompanhar as aulas normalmente e muitas vezes a escola não disponibiliza esse intérprete, prejudicando assim a educação daquele aluno.

Intérprete é o indivíduo bilíngue, ou seja, domina duas línguas, tanto a língua de sinais como também a língua portuguesa. Muitas escolas fazem uso de um intérprete educacional, pois os professores não dominam a língua de sinais.

O nosso país conta com aproximadamente 5.750.805 deficientes auditivos, dos quais 766.344 são jovens na faixa entre 0 e 24 anos de idade (FENEIS, 2011).

Para Quadros e Schmiedt (2006), as pessoas com ausência de audição no Brasil usam a Língua Brasileira de Sinais, uma língua visual-espacial que demonstra todas as propriedades

das outras línguas naturais. Quadros (2017), no entanto, afirma que apenas uma parte dos deficientes auditivos no Brasil usa a Libras, língua reconhecida pela Lei 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5626/2005.

Para Silva (2015), a Língua Brasileira de Sinais é a Língua Natural do surdo. Quando ele consegue obter conhecimentos da Língua Portuguesa, na modalidade escrita, é tido como bilíngue. Neste contexto, a Língua de Sinais deve ser o primeiro modo de aprendizagem da Língua para o Surdo, pois o insere socialmente em relação à comunicação, dando-lhe a chance de se fazer entendido.

De acordo com Lodi (2005), a grande maioria dos surdos brasileiros pouco conhece a língua de sinais, procuram estudar o português como única língua, frequentam apenas instituições para ouvintes e, por encontrarem muitas dificuldades, terminam por desistir de ir para escola.

Ainda segundo Lodi (2005), mesmo que algumas escolas ditas especiais digam aceitar a língua de sinais, são poucas as que aceitam que professores surdos integrem seu corpo docente.

Conforme Silva (2013), o docente precisa adquirir uma ética inclusiva, que é o mais adequado, pois ele não deve ver o estudante como uma pessoa deficiente, e sim como qualquer outro indivíduo que tem o direito à educação e a comparecer a escola, uma pessoa que possui sonhos e uma história e que apesar de todas as dificuldades quer aprender como os outros alunos.

Para incluir pessoas surdas, uma instituição não basta apenas dizer que é inclusiva, mas sim promover atitudes que tornem essa escola inclusiva. Palavras não bastam, mas é necessário que atitudes sejam tomadas.

Para Damazio (2007), as controversas à inclusão de surdos nas escolas tomam como base práticas que se dizem "inclusivas". No entanto, na verdade, não mudam seus métodos pedagógicos no que diz respeito às condições de acesso, especialmente as que envolvem a comunicação.

Conforme Quadros (2003), a organização da inclusão escolar tem como propósito o progresso da educação para todos. Já a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 205, diz que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, visa o pleno desenvolvimento do indivíduo, seu preparo para viver em sociedade e sua qualificação para o ambiente de trabalho.

A Declaração de Salamanca (1994), na seção Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais reafirma o compromisso para com a Educação

para Todos, prioriza a necessidade e a urgência do estabelecimento de educação para todos, desde crianças a adultos, com auxílio educacional especial dentro do sistema regular de ensino.

Segundo Araújo (2012), a inclusão das pessoas com necessidades educativas especiais no nosso país tem sido um grande desafio.

De acordo com Masutti et al (2009), no nosso país ainda não existe oficialmente uma proposta curricular para a prática do ensino de libras. No entanto é válido destacar que várias escolas de surdos no Brasil vêm procurando solucionar esta questão elaborando seus programas de modo a suprir as necessidades locais. Porém, para que seja possível construir propostas mais apropriadas ao ensino de libras é preciso que as experiências sejam socializadas.

Silva (2013) afirma que o sistema de inclusão trata-se da consideração e do respeito às individualidades de todos os que se encontram em processo de aprendizagem, especialmente os estudantes com necessidades especiais.

Para Nascimento e Mascarenhas(2009), as escolas necessitam estar abertas à comunidade surda e é necessário reconhecê-la como cultura. Para isso, precisa proporcionar meios para que seus educandos surdos não sejam vistos apenas como o deficiente auditivo. A escola precisa estudar técnicas linguísticas para que eles consigam se desenvolver de forma autônoma, preparando-os para enfrentar obstáculos, não os vendo sob o ângulo da surdez, mas da diferença.

Segundo Damazio (2007), o ingresso do surdo na escola deve iniciar desde o ensino infantil até a educação superior, assegurando-lhe, desde o início, recursos suficientes para superar os obstáculos no processo de ensino e desfrutar dos seus direitos, sejam eles escolares ou não escolares, atuando sua cidadania, com base nos fundamentos constitucionais do país.

Para Brito (2013), uma das razões mais importantes para progresso da inclusão de um indivíduo com necessidades especiais em relação à educação é a relação deste com o professor.

De acordo com Pedroso e Dias (2011), com o crescimento do movimento de inclusão escolar, aumenta a quantidade de alunos com necessidades educacionais especiais, guiados aos contextos comuns da educação, como os alunos com deficiência auditiva, fato que torna importante observar, minuciosamente, as condições oferecidas pela classe comum para que o surdo aprenda e sinta-se satisfeito nesse contexto.

Ainda para Pedroso e Dias (2011), o estudante surdo deve encontrar um ambiente agradável ao desenvolvimento da sua identidade como ser capaz e, para que isso ocorra, é

preciso que a instituição reconheça e valorize a sua cultura, ou seja, que vá além dos deveres da escola inclusiva e se reorganize na direção de uma escola bilíngue e bicultural.

Nas palavras de Silva (2013), a instituição, diretamente unida com o sistema de ensino, tem como obrigação garantir a matrícula e a continuidade de todos os estudantes, devendo ser independente da dificuldade que ele possua. A escola, além de se preparar para recebê-los, tem que disponibilizar uma escolarização que seja adequada a sua necessidade e todo o recurso especializado para os estudantes.

Segundo Silva (2013), o professor possui um papel indispensável quando se trata da inclusão escolar, pois eles devem se familiarizar com novas metodologias pedagógicas que os conduza a compreender e trabalhar melhor a diversidade, pois tudo que é desconhecido leva a incerteza e ao medo.

Para Nascimento e Mascarenhas (2009), a identidade cultural surda é feita através do pertencimento a uma cultura, por isso, o deficiente auditivo está sempre procurando apoio com o outro igual, sendo a comunidade surda o local onde o surdo constrói sua subjetividade de construir e assegurar a sua sobrevivência e a ter seu espaço em outras culturas.

Para Lima (2013), pessoas com surdez encaram inúmeros problemas para integrar-se à educação escolar em virtude da perda auditiva e do modo como se apresentam as sugestões educacionais das escolas. Por essas razões, estes estudantes podem vir a ser prejudicados pela ausência de incentivo apropriado a sua capacidade cognitiva, linguística, cultural entre outros e ter relevantes perdas no processo da aprendizagem.

Para Pedrosa e Castro (2010), muitas das dificuldades dos estudantes se ligam à cultura de sua exclusão. Isso acontece quando crianças ou adolescentes são marginalizados na escola, fazendo com que eles abandonem as escolas. Quando, oportunamente, decidem retornar nos cursos de educação de jovens e adultos, as limitações de aprendizagem têm aumentado significativamente.

A educação para pessoas com surdez vem passando por uma ampla mudança nos últimos anos. Segundo Moraes (2014), essas mudanças vêm acontecendo graças às leis que estão sendo aplicadas, no intuito de incluir pessoas com necessidades especiais nas escolas.

No nosso país, a educação especial tem passado por um período novo, pelo qual se faz uma observação sobre a educação inclusiva. Isto é possível graças às novas leis introduzidas e as alterações de atitudes sócias que vem se constituindo ao longo de muitos anos. De acordo com Lippe e Camargo (2009), umas dessas leis é a lei de inclusão escolar.

A inclusão escolar é baseada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, Lei 9394/1996). Com relação à educação especial, entende-se que a educação escolar deve ser

ofertada principalmente na rede de ensino regular, para educandos com necessidades especiais. (Capítulo V, artigo 58).

De acordo com Nascimento e Mascarenhas (2009), nesses últimos anos, no Brasil, muitas escolas vêm inserindo uma proposta bilíngue na educação dos surdos, com metodologia adequada da língua portuguesa e da língua de sinais brasileira. Assim, nos dias de hoje, o método mais aplicado em escolas que trabalham com surdos é o bilinguismo, que utiliza a Língua Portuguesa e a Libras (SILVA, 2015).

Para Cavalcanti (2017), o uso do bilinguismo para quem já possui um conhecimento da Libras se torna mais fácil para que o surdo possa relacionar a Libras com a língua oral.

Para Quadros (2003), a inclusão de alunos surdos nas escolas implica elaborar condições de interlocução entre os que fazem parte do ambiente escolar.

De acordo com Pedroso e Dias (2011), para ultrapassar as condições no ensino de pessoas com surdez, há urgência de se problematizar a educação de alunos surdos na conexão da educação inclusiva e na educação bilíngue, visando ultrapassar o quadro resultante de modelos educacionais inaceitáveis as prioridades e especificidades educacionais desses estudantes.

De acordo com Nascimento e Mascarenhas (2009), os surdos do Brasil seguem lutando por um ensino que atenda as suas necessidades linguísticas e culturais com dignidade para que possam relacionar-se e estar em circunstâncias de igualdade com ouvintes em todos os âmbitos.

Nas palavras de Silva (2009), com o uso da sua língua natural, a língua de sinais, as pessoas surdas tiveram a possibilidade de mostrar que são aptas de pensar, aprender, interagir com o seu meio e opinar como qualquer um, apesar disso, ainda existe uma parte da comunidade ouvinte que precisa mudar o seu modo de pensar com relação ao ser surdo.

Além das dificuldades de inclusão escolar, quando esses alunos surdos chegam às escolas, sofrem muito preconceito, o que faz com que a sua autoestima baixe e diminua o seu desempenho escolar. No entanto, muitos deles não sofrem apenas com o preconceito nas escolas, mas também em casa, com sua família, isso acontece a partir do momento que os pais descobrem o filho surdo e não buscam novas maneiras de se comunicar com esse filho. É por esses e outros motivos que surdos continuam batalhando para serem reconhecidos como pessoas comuns, apenas com uma dificuldade especial, no entanto essa dificuldade não impede nada na sua vida cotidiana, pois apesar das barreiras comunicativas, que vão dificultar o acesso do surdo a informação, emprego, boas condições de trabalho, mesmo sendo capaz de realizar qualquer tarefa, ele é capaz de aprender e trabalhar como qualquer outra pessoa,

Consoante Brito (2013), a família é o primeiro contato com o universo de relações sociais que a criança possui. É no convívio com família que ela pode encontrar um ambiente favorável de progresso e desenvolvimento ou um ambiente desfavorável, que pode gerar grandes desafios. Desse modo, a criança surda se desenvolve mais quando encontra em sua família apoio e um ambiente agradável.

2.3 MÉTODOS DE ENSINOS PARA SURDOS

De acordo com Stuaní (2014) a educação atualmente é direito de todo cidadão brasileiro, com necessidades especiais ou não, e é dever do sistema de ensino disponibilizar condições de comunicação que assegurem o acesso ao currículo e à informação, igualmente para todos.

Como previsto em lei, é direito de todos a educação regular, inclusive daqueles com algum tipo de necessidade especial. Dessa maneira, é necessário o uso de alguns métodos de ensino para que os estudantes que possuam alguma necessidade especial não sejam prejudicados durante as aulas e concluam suas atividades como qualquer outra pessoa.

De acordo com Reis (2013), ao longo dos anos muitos métodos de ensino foram formados para “favorecer” a comunicação dos surdos, com o intuito de incluí-los na sociedade por intermédio da educação. Estes são: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

Para Damazio (2007), as duas metodologias, método oralista e da comunicação total, não valorizam o uso da língua natural dos surdos e causam perdas significativas nos aspectos linguísticos, socioafetivo e de aprendizagem desses estudantes, entre outros.

Antigamente, o método de ensino usado para a educação dos surdos era o oralismo. No entanto, esse método não teve muito sucesso. Atualmente, o bilinguismo é um dos métodos mais usados em salas de aula no Brasil e vem apresentando resultados satisfatórios na aprendizagem do surdo.

Conforme Damazio (2007), a filosofia bilíngue tem como objetivo qualificar o surdo para o uso de duas línguas no seu dia a dia escolar e na vida social.

De acordo com Lima (2013), para ensinar alunos surdos é necessário que o professor conheça a língua de sinais, caso isso não seja possível é preciso a presença de um intérprete e que o professor deva apresentar métodos visuais para que esses alunos possam compreender as informações a serem repassadas durante as aulas.

Segundo Lima(2013), para que os alunos consigam aprender, o ensino deve ser definido pela combinação de atividades professor e aluno. Com a ajuda do docente, os estudantes pouco a pouco conseguirão atingir o seu objetivo, que é o desenvolvimento das capacidades mentais. No entanto, para que esse procedimento seja produtivo, a sua direção precisará que seja sistematizado o trabalho do professor, como por exemplo, o planejamento e o desenvolvimento das aulas.

Conforme Corrêa (2013), a troca de conhecimento desde a época de infância vai gerando o indivíduo e modelando sua maneira de interpretar o mundo. Gomes (2014), por sua vez, afirma que os docentes mesmo que possuam a responsabilidade de professores, geralmente não sabem como interagir com os estudantes surdos, tanto nas instituições inclusivas como também nas instituições que fazem uso do método bilíngue. Isso pode ser classificado em variados níveis. A barreira comunicativa, ou seja, a ausência de conhecimento relacionado à língua de sinais pelos docentes para se comunicarem com os alunos surdos é um desses casos. Ao contrário deste, os professores dominam basicamente a Libras, no entanto não se sentem seguros para o ensino diretamente nela.

Para que isso aconteça, é necessário observar a forma de cada indivíduo e grupo se relacionar com o conhecimento e com a criatividade. O conhecimento é a união da arte, de métodos e de experiências adquiridas ao longo da vida. Por esse motivo, sempre existe uma relação ajustada entre quem ensina e o que ensina, conforme Masutti et al (2009).

Para esses autores, os métodos de ensino não são somente uma junção de técnicas a serem adotadas, mas abrangem vários outros aspectos. Um deles é a criatividade, que se baseia no modo apropriado de aprender a realidade e que precisa estar associada com as prioridades de cada sujeito e cultura.

A ciência como um todo tem muita dificuldade com relação a língua de sinais, umas das disciplinas mais difíceis de ensinar para o surda é a biologia, pois, como existe uma pequena quantidade de sinalização científica nesse componente curricular, é preciso que os professores procurem outras estratégias de ensino, como recursos visuais que ajudem o aluno a entender os conteúdos.

Nas palavras de Silva (2009), os docentes de biologia devem procurar diversas e variadas estratégias para a educação do aluno surdo, principalmente para sua área de ensino, para que possa aumentar ainda mais o seu conhecimento, rompendo as aulas tradicionalistas.

2.4 ENSINO DE BIOLOGIA PARA ALUNOS SURDOS

De acordo com Schmitt e Luchi (2014), a comunidade surda está difundida no país, e o fato de o Brasil possuir um território muito grande e diversificado, proporciona que as pessoas adquiram diferenças de acordo com sua região em relação à situação socioeconômica, hábitos alimentares e mudanças linguísticas regionais.

Essas mudanças linguísticas podem até prejudicar o ensino, pois existem alguns sinais que não têm o mesmo significado em algumas regiões.

Segundo Neves (2011), não existe apenas uma língua de sinais, ou seja, as línguas de sinais não são universais e variam de acordo com a sua região, existem várias modalidades visuoespaciais no mundo todo. Como as demais línguas, a LIBRAS possui suas especificidades gramaticais e levam consigo o símbolo de cultura e identidade dos surdos brasileiros.

O ensino de biologia necessita de sinais particulares e específicos da disciplina. No entanto, nem todos esses sinais foram criados e isso acaba prejudicando o aluno na hora da aula, pois, para a maioria dos conteúdos que são ensinados, não existem sinais adequados.

O ensino da disciplina de ciências necessita por si só de uma linguagem apropriada, de acordo com os conceitos a serem repassados, considerando suas particularidades e sua simbologia (MORAES, 2014).

Pelo fato de não possuir muitos sinais já criados, o ensino de ciências e biologia acaba se tornando um grande desafio tanto para os professores como para os alunos, pois, com a ausência de sinais específicos para essa disciplina, o aluno não tem um grande avanço e pode acabar se atrasando.

O conhecimento da disciplina de biologia é um desafio para o aluno, pois a partir dela são discutidos conceitos que necessitam esforço e calma do estudante. A biologia abrange um lugar de destaque devido aos grandes avanços e propagação dos ensinamentos sobre o mundo (LIMA, 2013).

Na maioria das vezes, o professor de ciências não conhece ou não domina a Libras e, por esse motivo, ele passa a contar com a ajuda de um intérprete (OLIVEIRA, 2012).

Para Lima (2013), a evidência de que uma grande quantidade de professores não compreendem a língua de sinais é algo que deve ser considerado em relação à não captação dos conteúdos apresentados nas aulas de Biologia. É por esse motivo que se faz necessário o intérprete de língua de sinais como um conciliador da comunicação, e não um simplificador da aprendizagem, pois são papéis diferentes e que necessitam ser devidamente diferenciados e respeitados nas instituições, sendo estas de nível básico ou superior.

Ainda segundo Lima (2013), são poucos os professores aptos para trabalharem com alunos surdos em sala de aula. Antes, os cursos de graduação não apresentavam subsídios para exercer nessa área.

Foi a partir do Decreto 5.626/05, que regulamente a Lei 10.436/02, que se passou ter a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de licenciaturas (incluindo ciências biológicas, que compreende as disciplinas de ciência e biologia), ou seja, de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior.

Para Stuari et al (2014), os conteúdos teóricos de Ciências e Biologia trazem certa especificidade, como o uso de nomes científicos dos seres vivos. Esta particularidade da disciplina nos remete a pensar nas metodologias usadas pelos professores.

Para os mesmos autores, a adaptação e documentação de sinais para termos e conceitos específicos da Biologia são apresentadas também como uma opção para construção de uma linguagem científica em Libras, pois se nota que a aprendizagem dos conteúdos da área da Biologia se faz importante, já que apresenta nomenclatura própria, não dispondo de sinais para determinados termos.

Segundo Marinho (2007), são frequentes as reclamações dos professores bilíngues quanto à carência de sinais suficientes para a realização das interpretações na área de ciências biológicas. É comum vermos essa confirmação das dificuldades dos alunos surdos diante dos textos repletos de termos de biologia, escritos em linguagem pouco acessível a ele.

Para Gomes e Silva (2016) a oralidade, a datilografia, os gestos e até a leitura labial como modo de recurso para a comunicação para o ensino de ciências mostram a prepotência e logo após a ineficácia do oralismo para o indivíduo surdo. Como existem poucas experiências da língua de sinais como língua de instrução na prática de ensinar ciências, os professores e intérpretes, por não conhecerem os sinais próprios, passam a usar o bimodalismo como opção educacional.

Quanto ao ensino de Biologia, com os estudantes surdos, necessita-se trabalhar bem o conteúdo, para que façam uma boa assimilação dos conceitos, buscando associar ao dia a dia dos estudantes no que condiz da relação entre o conteúdo específico e o ambiente do seu entorno (STUANI et al 2014).

Para Basso et al (2014), verifica-se que para que haja um bom ensino de biologia ou de uma outra disciplina é fundamental que exista um preparo dos professores e de todos nesse processo, independentemente da situação do aluno.

Segundo Silva (2015), o ensino de Biologia não se limita a entender debates contemporâneos, mas permite também aumentar o conhecimento sobre o mundo vivo, e, de

uma forma especial, ajudar para que seja notada a particularidade da vida humana em relação aos demais seres vivos, em função de sua excessiva capacidade de intervenção no meio.

De acordo com Pedrosa e Castro (2010), a prática do ensino de Ciências e Biologia deve capacitar os alunos a tomar decisões e observar as várias utilidades da ciência e também seu empenho na melhoria da qualidade de vida, quanto aos limites e resultados negativos de seu desenvolvimento, para que essa pessoa esteja preparada para participar de modo ativo na sociedade.

Devem ser desenvolvidas formas de se repensar o ensino das Ciências Biológicas para alunos com deficiência auditiva, de modo que haja interação e resultados positivos na compreensão dos conteúdos, deixando o aluno surdo mais consciente do que foi transmitido, pois estes ainda sofrem com as barreiras linguísticas em aulas de Ciência e Biologia.

Para Pedrosa e Castro (2010), é interessante refletir sobre os problemas e as possibilidades de uma prática pedagógica que proporcione a inclusão dos estudantes com problema de audição no âmbito escolar, proporcionando a aprendizagem de Ciências e Biologia de modo significativo.

3 METODOLOGIA

Em uma escola onde se encontram incluídos alunos surdos é preciso que os professores saibam se comunicar com esses alunos, como por exemplo, o uso da LIBRAS, que tem como objetivo ajudar esses alunos a entender os conteúdos que são ensinados em sala de aula.

Para realizar esta pesquisa, foi selecionada uma escola da rede pública de ensino aleatoriamente que fica localizada no município de Picos, região centro-sul do Piauí, a 308 km da capital, Teresina.

Para que esta pesquisa fosse desenvolvida, fez-se uma pesquisa de campo, com caráter qualitativo, na Unidade Escolar Coelho Rodrigues. Ela possui 431 (quatrocentos e trinta e um) alunos matriculados no ano letivo de 2017. Desse total, apenas uma aluna surda está matriculada.

Pelo fato de a referida aluna não conseguir acompanhar os conteúdos, como os demais alunos, a escola teve a obrigação de contratar uma intérprete para que as informações repassadas na escola fossem assimiladas pela discente.

A aluna de 21 anos estuda o 2º ano do ensino médio e relata que assim que iniciou os estudos teve grande dificuldade, pois não conseguia acompanhar o conteúdo e sofria muito bullying

Com o objetivo de coletar alguns dados, foi realizada, no início do segundo semestre, uma entrevista na referida escola de Picos, com a professora de biologia, a aluna e a intérprete, para conhecer melhor as possíveis dificuldades de aprendizagem da disciplina.

Primeiramente foi entregue a direção um requerimento, solicitando a permissão de realizar a pesquisa na instituição. Logo após a direção estar informada, começou-se a trabalhar na pesquisa.

Antes de começar as entrevistas, foi entregue às três participantes termos de compromisso (consentimento da pesquisa), não havendo nenhuma recusa por parte delas.

A entrevista ocorreu na escola, em uma das salas de aula, no período da manhã, entre os intervalos. Foi realizada apenas com as três colaboradoras e a pesquisadora, para que não houvesse nenhuma influência externa.

Após o término das entrevistas, foram observadas as aulas de biologia, para verificar o desempenho da professora e da intérprete com relação aos conteúdos e como esse conteúdo é ensinado, considerando o fato de haver poucos sinais da área ou, ainda, o fato de a intérprete não os conhecer.

Foram observados também quais os métodos que a intérprete utiliza para repassar os conteúdos para essa aluna, se esses métodos estão ajudando no seu desempenho e, ainda, se a aluna domina bem a língua de sinais.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE

De acordo com os dados coletados na Unidade Escolar Coelho Rodrigues podemos depreender, a partir da análise das entrevistas, o que segue nos parágrafos seguintes.

A intérprete ressaltou que as aulas ministradas pela professora não possui nenhum recurso visual que ajude a aluna a aprender os conteúdos com mais facilidade. Apesar disso, a estudante demonstra bastante força de vontade e, mesmo não possuindo todos os sinais referentes à disciplina de biologia, a intérprete faz uso da datilografia para ajudar o entendimento da estudante.

A aluna está nessa escola a exatamente 12 (doze) anos e desde esse período que ela recebe a ajuda de um intérprete, ela consegue ler e escrever, mas segundo as informações colhidas, ela precisa da intérprete para descrever os significados das palavras, pois mesmo conseguindo ler, ela muitas vezes não consegue identificar do que se trata. É preciso ressaltar, ainda, que a estudante tem perda auditiva total em um dos ouvidos (surdez unilateral). Com ajuda de um aparelho, ela consegue ouvir, todavia muito pouco, apenas alguns ruídos.

Segundo a professora da referida disciplina, a aluna é bastante dedicada, tem um desempenho satisfatório, e apesar das dificuldades que enfrenta por causa da Surdez, a estudante, ainda assim, consegue obter notas consideravelmente boas, do mesmo modo que o restante dos alunos, resultado esse que agrada toda coordenação da escola. No entanto, isso só é possível graças à ajuda da intérprete, pois sem ela, a aluna não acompanha o conteúdo e fica deslocada durante as aulas.

Quanto à observação das aulas, destaco que, durante o período que estive observando as aulas de biologia, foi possível notar que a professora não conhece a língua de sinais e não está preparada para dar aula para a aluna surda, pois não utiliza recursos visuais para ajudar a aluna a entender melhor. Ao contrário, faz uso apenas de métodos oralistas, o que acaba prejudicando a compreensão da aluna.

No horário das aulas da turma, são reservadas (duas) aulas de biologia na semana, (uma) na quarta e outra na quinta, no entanto só é aproveitada a aula da quarta, pois a aula da quinta é no último horário e alguns alunos saem para pegar transporte e ir para suas residências. A professora, para não prejudicar esses alunos, prefere não passar novo conteúdo e as aulas são dadas geralmente apenas na quarta, o que prejudica os alunos, pois o período para explicar o conteúdo se torna pouco e não são repassadas com tanta prioridade.

O único auxílio da aluna surda é a intérprete que faz o possível para que ela compreenda todas as informações repassadas. Quando a intérprete se depara com termos que

ainda não têm sinal, ela opta pela datilografia desses termos, já que, durante as aulas, são usadas apenas metodologias orais e não possui recursos visuais, com exceção do livro didático.

De início, foi possível notar que a intérprete, mesmo sendo bem instruída, não conhece todos os sinais da área da biologia, mas, ainda assim, a aluna consegue acompanhar os conteúdos com pouca dificuldade.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, a aluna demonstra bastante interesse durante as aulas e interage sempre que pode, tirando suas dúvidas e comentando a respeito do conteúdo, com a ajuda da intérprete que está sempre atenta à aula. Desse modo, a aluna surda fica entusiasmada em aprender a cada dia, até mesmo porque ela domina bem a língua de sinais e consegue se comunicar bem com a intérprete. Por essa razão, a aluna consegue entender os conteúdos e tirar notas boas.

A estudante interage com os seus colegas de sala de aula através da intérprete que faz o diálogo entre ambos participantes da conversa e também por uso de bilhetes, no entanto este não é muito frequente, pois a mesma não consegue entender todas as palavras escritas, muitas vezes precisa que a intérprete faça a tradução para língua de sinais.

Durante o percurso da observação pode – se perceber que todos na escola têm um grande afeto pela estudante, pois a mesma se mostra muito atenciosa e gentil, uma menina educada e com bastante senso de humor, a falta de audição não impede que ela viva naturalmente.

A entrevista e a observação em sala de aula foram importantes, pois foi a partir desses instrumentos que compreendemos e identificamos as dificuldades enfrentadas pela aluna e o que faz com que ela consiga passar por todos esses desafios e, ainda assim, continuar se mantendo com boas notas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este estudo, observou-se a luta dos surdos, a sua inclusão escolar e o desempenho em sala de aula. Notaram-se os diversos desafios, a luta por uma vida melhor e o contínuo desejo de igualdade para todos.

A educação bilíngue continua sendo a melhor opção para os surdos, pois possui pessoas instruídas para essa tarefa, tão importante para a educação dos surdos, pois a educação é um marco importante na vida de qualquer pessoa, principalmente de pessoas que são vistas com inferioridade. A educação dá a elas a capacidade de pensar e possuir uma opinião própria.

Esta pesquisa, a partir da aluna, da professora e da intérprete, permitiu entender como é realizado o ensino de biologia na Unidade Escolar Coelho Rodrigues e, com base nisso, vê-se que algumas melhorias precisam ser feitas.

A inclusão de alunos com necessidades especiais, como os surdos, só se torna possível se toda a comunidade escolar se disponibilizar a ajudar, pois a inclusão não acontece só entre o professor e o aluno, mas, sim, com todos os que constituem o ambiente escolar.

A professora deve procurar novas estratégias para ajudar essa aluna e não se ater apenas a métodos oralistas. É preciso uma maior atenção, pois mesmo com o auxílio da intérprete, é necessário mais recursos que ajudem a aluna a compreender melhor os conteúdos, como por exemplo, recursos visuais.

Não se atendo apenas a recursos visuais, a professora deve procurar compreender os sinais de Libras, para atender as necessidades da aluna, a fim de tirar as dúvidas com mais facilidade.

Com as devidas providências tomadas, a inclusão será feita corretamente e o desempenho da aluna continuará melhorando. Para tanto, é necessário que toda a comunidade escolar se empenhe para construir uma escola acessível e progressista para os discentes.

A educação é direito de todos. Independentemente das necessidades de cada um, é preciso lutar para que seus direitos sejam respeitados, pois, apesar das dificuldades, devemos buscar uma melhor formação, acessível e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Luciana Dantas. **Concepções sobre educação inclusiva em uma escola regular da rede federal de minas gerais**, Instituição de Federal de Educação e Tecnologia de Mato Grosso Campus Cuiabá, Cuiabá-Mt, outubro de 2009.
- BASSO, Sabrina Pereira Soares et al. **A inclusão escolar e o ensino de biologia: a visão dos alunos**. **Revista SBEnbio**-numero 7, V Enebio e II Erebio Regional 1, 2014.
- BASSO, Idavania Maria de Souza ; STROBEL, Karin Lilian; MASUTTI, Mara. **METODOLOGIA DE ENSINO DE LIBRAS – L1** , Universidade Federal de Santa Catarina, CCE Florianópolis , 2009.
- BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 DE ABRIL DE 2002. **DISPÕE SOBRE A LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS;**
- BRASIL, LEI Nº 9.394 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.**
- BRASIL , **CONSTITUIÇÃO 1988: Texto Constitucional de 05 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pela Emendas Constitucionais nº 1/92 a 20/2000 e Emendas.**
- BRASIL, Declaração de Salamanca. **Princípios, Políticas e Prática em Educação Especial**. Espanha, 1994.
- BRITO, Marlucci de . **Inclusão do surdo na escola regular** (Monografia de especialização), Universidade Tecnológica Federal do Paraná., Medianeira, 2013.
- CAVALCANTI, Wanilda Maria Alves. **Fundamentos da educação dos surdos , LETRAS-LIBRAS**, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes CCHLA - UFPB, 2017.
- CASTRO, Roney Polato de; PEDROSA, Marilda de Paula. **Encarando a diversidade: o ensino e aprendizagem de ciências e a formação de alunos surdos**. UFJF ,Juiz de Fora 2010.
- CORRÊA , Aline Moreira de Paiva. **A divisão por alunos surdos: ideias, representações e ferramentas matemáticas.**(Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Exatas Juiz de Fora (MG) Outubro, 2013.
- DAMÁZIO ,Mirlene Ferreira Macedo. **Formação continua a distancia de professores para o atendimento educacional especializado pessoas com surdez.**,SEESP / SEED / MEC. Brasília/DF –2007.
- DIAS, Tércia Regina da Silveira; PEDROSO, Cristina Cinto Araujo. **Inclusão de alunos surdos no ensino médio: organização do ensino como objeto de análise**, 2011.
- FENEIS. **Quantitativo de surdos no Brasil**, 2011.
- GOMES, Anderson Spier. . **Metodologias de ensino/aprendizagem em língua portuguesa como L2 para surdos**. UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA DO PARANA, (trabalho de conclusão do curso). Curitiba , 2014.

GOMES, Marisa da Costa ; SILVA, Thiago Carlos da. **O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA SURDOS ATRAVES DAS PUBLICAÇÕES DO INES, SBEnBio-** numero 9, VI Enebio e VIII Enebio Regional 3, 2016.

GONÇALVES, Humberto Bueno; FESTA, Priscila Soares Vidal . **METODOLOGIA DO PROFESSOR NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS, ENSAIOS PEDAGÓGICOS** Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET ,2013.

LIMA, L. **História da educação dos Surdos no mundo**, 2012.

LIMA, Damião Michael Rodrigues de Lima. **Ensino de biologia para alunos com surdez: uma análise da prática pedagógica docente.** editora ARARA Azul edição nº 11, **REVISTA VIRTUALCULTURA DE SURDA**, 2013.

LIPPE, Eliza Márcia Oliveira; CAMARGO, Eder Pires de. **O ensino de biologia e seus desafios a inclusão; o papel do professor especialista.** **SciELO**, editora UNESP, 2009.

LODI, Ana Claudia Balieiro. **Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos**, Universidade Metodista de Piracicaba, Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér, **Inclusão escolar o que é? Por que? Como fazer?** coleção: Ulisses F. Araújo 1ª edição, 2003

MARINHO, Margot Latt. **O Ensino de Biologia: O intérprete e a geração de sinais.** 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MEDEIROS, Daniela; GRÄFF, Patricia. **BILINGUISMO: UMA PROPOSTA PARA SURDOS E OUVINTES.** **REI Revista de Educação do IDEAU**, vol. 7 , 2012.

MESERLIAN, Kátia Tavares; VITALIANO, Célia Regina **análise sobre a trajetória histórica da educação dos surdos**, Congresso nacional de educação- educere III encontro no sul brasileiro de psicopedagogia, outubro 2009;

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, **Saberes e práticas da inclusão. desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos**, Brasília, 2006.

MORAES, Thiago de. **Ensino de química em libras; inclusão e os desafios da linguagem**, Universidade Tecnológica do Paraná, Pato Branco, 2014.

NASCIMENTO, Adrana costa ; MASCARENHAS, Carmem da Silva. **A importância da língua de sinais na educação do surdo na escola regular.** Salvador - BA, 2009.

OLIVEIRA, Walquíria D. de; MELO, Ariane Carla C. de; BENITE, Anna M. Canavarro. **Ensino de ciências para deficientes auditivos: um estudo sobre a produção de narrativas em classes regulares inclusivas.** REIEC, v. 7, n.1, p. 1-9, Julho, 2012.

PEREIRA, M. C. C . **O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos** *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, , p. 143-157. Editora UFPR, 2014.

PRINCE, Fernanda M. C.G. **Ensino de Biologia para Surdos: Conquistas e desafios da atualidade** (Trabalho de conclusão de curso) Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2011.

QUADROS, Ronice Müller. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão**, Ponto de Vista , Florianópolis, 2003;

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

REIS, Dulcilene Saraiva. **Formação docente e educação de surdos: um encontro com a diferença, cultura e identidade surda**(Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação) , Fundação UniversidadeFederal de Rondônia, Porto Velho – RO 2013.

SILVA, Silcava Araújo. **Conhecendo um pouco da história dos surdos** , Londrina –PR, 2009.

SILVA, Francisca Ariella Bezerra da.**o professor da biologia diante da inclusão de alunos com deficiência: desafios, limites e possibilidades**, Universidade Estadual do Ceará-UECE, Beberibe-Ce 2013 .

SILVA, Pablyne Ferreira .**o ensino de biologia para surdos no ensino médio de escolas públicas estaduais de Formosa-Go, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia**(Trabalho de conclusão de curso). Formosa- Goiás, 2015.

STUANI, GeovanaMulinari et al.**estratégias de ensino de biologia para surdos em escola estadual da cidade de Chapecó, Santa Catarina**,*Revista da SBEnBio*, 2014;

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, **Saberes e práticas da inclusão. desenvolvendo competênciaspara o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos**, Brasília 2006.

Prezado(a) Senhor(a),

Ao cumprimentar Vossa Senhoria viemos por meio deste apresentar Maria Lidiana de Lima Veloso, discente de Biologia da Universidade Federal do Piauí, que está desenvolvendo a pesquisa: “O ENSINO DE BIOLOGIA PARA SURDOS” Um estudo descritivo a partir da escola Unidade Escolar Coelho Rodrigues que e uma escola inclusiva na Rede Pública do Município de Picos-Pi”, sob minha orientação. Solicitamos também Vossa autorização para que a discente possa desenvolver sua pesquisa nesta Instituição de Ensino, que envolverá professores, alunos, interprete e também assistir as aulas de biologia. Desde já agradecemos Vosso apoio e consideração com esta pesquisa, que, com certeza, trata muitos benefícios para a Educação de Picos.
Atenciosamente,

Juscelino Francisco do Nascimento

Professor da Universidade Federal do Piauí- Picos

ENTREVISTA!

Interprete

1 - INFORMAÇÕES PESSOAIS

NOME: _____

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Cidade e Estado de Origem: _____

2 – Qual a sua Formação?

 Nível Médio Superior. Qual curso: _____ Ano de Conclusão: _____ Pós-Graduação. Qual Curso: _____

3 – Há quanto tempo você exerce a profissão de Intérprete?

5 – Atualmente você está exercendo a profissão de Intérprete?

 SIM () NÃO

6 – Qual sua opinião sobre a Inclusão de alunos surdos nas escolas regulares de Picos?

7 – O que você acha melhor para o Surdo?

 Estudar numa Escola Regular, incluído com os demais alunos Estudar numa Escola Regular, numa Sala Especial só de Surdos Estudar numa Escola Bilíngue, onde a LIBRAS será a Língua de instrução

8 – Para você, qual é o maior problema para a Inclusão dos alunos Surdos em Picos?

9 - Na sua opinião como tem sido a atuação da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC e Secretaria Municipal de Educação – SEMED, respectivamente, com relação à educação dos surdos?

 Ótima ()Boa () Ruim

10 – Que sugestão/ões você pode dar para melhorar a qualidade da educação dos surdos em Picos

11- Sente dificuldade em ensinar biologia para a aluna?

ENTREVISTA COM A PESSOA SURDA

Nome: _____

Idade: _____

1 – Você nasceu Surda? () Sim () Não

2 – Como foi sua infância?

3 – Como foi sua adolescência?

4 – Como foi sua vida escolar?

5 – Como você descobriu sua Identidade Surda?

6 – Para você o que é Cultura Surda?

7 – Com relação ao trabalho, você sente ou já sentiu alguma dificuldade para conseguir emprego por ser Surda? Explique esta experiência:

8 – Você já sofreu ou sofre algum tipo de preconceito por ser Surda?

() Sim () Não

9 – O que você acha que os professores estão preparados para receber os alunos Surdos na Escola Regular?

10 – Para você qual é a melhor educação para os Surdos?

ENTREVISTA AO PROFESSOR

Nome: _____

Ano/Série em que atua: _____

1 - INFORMAÇÕES PESSOAIS

Idade: _____

Sexo: Feminino Masculino

Cidade e Estado de Origem: _____

É Professor da Rede Pública: Municipal Estadual

Tipo de Vínculo: Estatutário Emergencial

Há quanto tempo exerce a Profissão Docente: _____

2 - FORMAÇÃO

2.1 - Acadêmica

Superior. Qual curso: _____ Ano de Conclusão: _____

Pós-Graduação. Qual Curso: _____

2.2 – Formação Continuada

2.2.1 - Fez algum curso na área de Educação Especial? Sim Não

2.2.1.1 - Se SIM, qual(is) curso(s) você fez?

Deficiência Intelectual Deficiência Auditiva Deficiência Visual

Deficiência Física Altas Habilidades/Superdotação

Transtornos Globais do Desenvolvimento – TGD

Outro: Qual: _____

3 – INCLUSÃO

3.1 – Qual sua opinião sobre a Inclusão de alunos com deficiência nas escolas?

3.2 – No seu curso de Formação Docente você teve alguma disciplina voltada para a Educação Especial? Se SIM, como foi esta experiência?

4 - EDUCAÇÃO DE SURDOS

4.1 – Você teve a disciplina LIBRAS na Graduação?

SIM NÃO

a) Você aprendeu Libras nesta disciplina? SIM NÃO

4.2 – Você sabe Libras?

Sim Não

Um pouco, mas dá para entender e ser entendido(a) pelo Surdo.

Um pouco, mas NÃO dá para conversar com o Surdo.

4.3 – Você sabe o que é Educação Bilíngue para Surdos? SIM NÃO

4.3.1 – Se SIM, explique o que é Educação Bilíngue:

4.4 – Como foi (ou está sendo) a experiência de ter um aluno Surdo?

4.5 – O que você acha melhor para o Surdo?

Estudar numa Escola Regular, incluído com os demais alunos

Estudar numa Escola Regular, numa Sala Especial só de Surdos

Estudar numa Escola Bilíngue, onde a LIBRAS será a Língua de instrução

Estudar numa Escola Especial

4.6 – Você se sente preparado para atender alunos Surdos? SIM NÃO

4.7 – Para você, qual é o maior problema para a Inclusão dos alunos Surdos?

4.8 – O que você acha que é necessário para o Professor fazer um bom trabalho com um(a) aluno(a) Surdo(a)?

4.9 – Você tem interesse em aprender LIBRAS?

SIM NÃO

5. DIFICULDADE NO ENSINO DE BIOLOGIA

5.1 Sente dificuldade de ensinar biologia para a aluna?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, Maria Lidianara de Lima Beloso,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Ensino de biologia para uma turma rural
na Unidade Escolar Celso Rodrigues, Em Picos-PI
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 02 de outubro de 2018.

Maria Lidianara de Lima Beloso
Assinatura

Assinatura